

**ENLUTAMENTO E OS REFLEXOS NAS CORPORALIDADES —
PERSPECTIVAS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA**

*GRIEVING AND IT'S REFLECTIONS ON CORPORALITYS —
PERSPECTIVES WITHIN INITIATION TEACHING PROGRAMS*

Anna Júlia BUENO¹, Isabelle Ruiz Paggiore Sessino TOLEDO BARBOSA²

RESUMO: Partindo do modelo de sequência didática (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004) elaboramos, para ser aplicada durante a pandemia nas interações do programa Residência Pedagógica, fomentado pela CAPES, a atividade a ser apresentada — juntamente com os resultados e provocações. O tema principal toca as necessidades do momento, a morte, o luto e sua recepção pessoal e política, no âmbito pedagógico e escolar, com foco, especialmente, no ensino de literatura. Defende, também, a consolidação dos programas de início à docência e a educação libertária das pedagogias de resistência (COIMBRA, 2020) contra as necropolíticas (MBEMBE, 2020) de destruição da educação.

PALAVRAS-CHAVE: luto; educação libertária; letramento literário.

ABSTRACT: During the pandemic we elaborated a didactic sequence model (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004) to be applied in the interactions of the CAPES developed teaching internship, the following activity - along with its results and provocations. The main theme addresses the necessity of the moment, as death, mourning, and how we receive it personally and politically. Stands beside the prosecution of initiation teaching programs and the libertarian education of the pedagogies of resistance (COIMBRA, 2020) against the necropolitical (MBEMBE, 2020) destruction of education.

KEYWORDS: grieving; libertarian education; literary literacy.

¹ Graduada em 2021 do Curso de Letras, na Universidade Estadual Paulista, FCL de Assis, Assis, São Paulo, Brasil. Orientador: Profa. Dra. Karin Adriane Henschel Pobbe Ramos. Bolsista de Residência Pedagógica (processo n. 88887.533534/2020-00). E-mail: anna.bueno@unesp.br

² Graduando em Letras, na Universidade Estadual Paulista, FCL de Assis, Assis, São Paulo, Brasil. Orientador: Profa. Dra. Karin Adriane Henschel Pobbe Ramos. Bolsista de Residência Pedagógica (processo n. 88887.533642/2020-00). E-mail: isabelle.paggiore@unesp.br

1 Introdução

O presente artigo narra, academicamente, a experiência vivida no programa Residência Pedagógica durante a pandemia em 2021, quando a atividade de início à docência deveria se dar por interações *online*, devido ao Decreto n.º 64.864, de 16/3/2020, de suspensão das aulas na escola pública do estado de São Paulo, e à Portaria Unesp n.º 128, de 23 de abril de 2020, de suspensão das atividades presenciais em todo campi.

Contribui para defender os programas de iniciação à docência e sua importância na construção de um novo perfil profissional e na luta necessária para afirmar políticas públicas irrevogáveis que devem acontecer concomitantemente (ARROYO, 2003). Também soma ao arcabouço de produções sobre os intentos, os fracassos e os sucessos da formação inicial e da profissionalização docentes. Pela abordagem qualitativa (ZANETTE, 2017), ajuda a direcionar o entendimento e as reflexões no campo da educação. O artigo se faz partindo também da noção de *Escrevivência*, desenvolvida por Conceição Evaristo (OLIVEIRA, 2006), para trazer nossos corpos para o discurso e entender como esses processos se enredam ao conduzir a metodologia.

A preceptora de nosso grupo recorrentemente citada, Tahisa Mara da Silva, atuava, na época, na E.E. Dom Antônio José dos Santos em Assis, estado de São Paulo. A professora coordenadora do programa Residência Pedagógica - Português, na Unesp, Faculdade de Ciência e Letras de Assis-SP é a Dra. Karin Adriane Henschel Pobbe Ramos.

A primeira parte elucida as circunstâncias de elaboração da atividade, ela em si e o que com ela se propunha inicialmente. A segunda parte do trabalho apresenta o primeiro momento da sequência didática (SD), conteúdos e intenções; e a terceira, o seguinte momento e, igualmente, seus conteúdos e intenções. Finalmente, as considerações últimas e a discussão do resultado das interações, da aplicação da SD aparecem com a reivindicação — urgente e necessária — da solidificação dos programas PIBID e Residência Pedagógica (doravante RP). Parte, também, de uma crítica ao desleixo para com as 61.680 mil pessoas que, segundo o jornal Agência Brasil (2022), se beneficiam desse dinheiro para permanência universitária — essencial para pensar e concretizar

uma democratização da escola pública (LIBÂNEO, 2001). Não ignora as péssimas condições impostas pelo resultado de 28 anos de desgoverno do estado de São Paulo que levaram não só ao mau planejamento do ensino remoto, mas também à realização inadequada do mesmo, pelas condições sociais de desigualdade impostas.

2 Preparação

As interações durante o projeto aconteceram remotamente. O grupo de bolsistas e contribuintes do programa se encontraria uma vez ao mês para discutir textos teóricos. Deveríamos organizar as propostas considerando o contexto remoto, o que resultou, tanto para o nosso grupo geral de RP quanto para o grupo de nossa preceptora, em diversas reuniões e discussões teóricas para desenvolver consensualmente a prática.

Assim, ficou estabelecido que cada preceptora teria autonomia para organizar o próprio grupo (e a plataforma de interação) e este para escolher conteúdos e desenvolvê-los nas interações (que, como a aula, deveriam ser preparadas considerando 45 minutos), contanto que fossem projetos voltados para a prática literária.

No primeiro módulo do projeto, nosso grupo, portanto, decidiu que nos organizaríamos em duplas e cada uma ficaria livre para decidir a maneira e quais conteúdos abordar. A partir disso, definimos, em grupo, questões técnicas, tais como: quantidade de aulas a utilizar, perfil da turma, soluções para possíveis evasões da sala, etc.

Tahisa ministrava aulas durante dois dias da semana, e desses aproveitaríamos o período da tarde, depois do horário obrigatório. A disciplina ‘Projeto de vida’ permitiu a flexibilidade para desenvolver diversas temáticas, deixando cada grupo livre para associar a prática ao ensino de literatura. Como consta no Blog KUAU (2020), site educacional que promove o ensino da matéria Projeto de vida, a disciplina “permite desenvolver a capacidade de formular uma sofisticada e elaborada narrativa sobre si, sobre os planos para o futuro e sobre o seu papel no mundo”. Ou seja, existe uma flexibilidade, como

dito pela nossa preceptora, que poderíamos abraçar contra-colonialmente (BISPO DOS SANTOS, 2019).

Escolhemos seis dias de interação, o que tomaria três semanas. Dispusemos, nesses seis dias, em formato de sequência didática (SCHNEUWLY & DOLZ, 2004) os seguintes conteúdos, constando já a distribuição:

- Canto para minha morte — Raul Seixas (canção) — 1.^a interação;
- Morte no esquecimento — Angel Gonzalez (poema) — 2.^a interação;
- Definição de “efêmero” segundo o Dicionário Online de português — 3.^a interação;
- O tempo não para / Não recomendado — Não recomendados (canção/performance) — 4.^a interação;
- Mataram João Ninguém — Anderson Herzer (poema) — 5.^a interação;
- Quando vier a primavera — Alberto Caeiro (poema/vídeo) — 6.^a interação.

As interações estavam previstas para as terças e quintas-feiras. As atividades avaliativas eram, respectivamente, uma partilha das provocações a partir do que foi trocado anteriormente e da definição dicionarística da palavra *efêmero*, apresentando-se em um texto poético; e a construção de uma poesia orgânica, que consiste na junção de frases, organizada pela ordem de envio.

A escolha do tema se dá pela conjuntura instaurada duplamente pela pandemia da Covid-19 (Sars-Cov-2) e pela supremacia bolsonarista que, com sua ideologia, “trabalha ao lado de uma necropolítica gerenciando a morte” (LEOPOLDO, 2020).

A aprendizagem significativa por percepção verbal (PELIZZARI, 2002) foi entendida para tratar de um tema grotesco e aversivo, a intenção era deixarem seduzir e se perder na memória afetiva — para chamar as contribuições que essa provocação pode trazer. A dureza da realidade poderia, com sorte, ser acolhida, dividida, aquilombada. Para trazer sensibilidade ao corpo na luta pela integridade (OLIVEIRA, 2008).

Esperava-se que a classe, levada pela teoria da estética da recepção (JAUSS, 1979), percebesse a literatura como arte das palavras, “manifestada como atividade produtora, receptiva e comunicativa, [que] permanece, em grande MOSAICO, SJ RIO PRETO, v. 21, n. 01, p. 10-32

parte, não esclarecida e precisa ser hoje recolocada” (JAUSS, p. 1, 1979), elaborando, assim, assimilações entre morte, vida e cultura e promovendo discussões conjuntas com as referências literárias apresentadas em sala de aula (as atividades e demais produções selecionadas disponibilizadas no apêndice).

Além de considerarmos, no âmbito do ensino, a promoção da movimentação do capital cultural (BOURDIEU, 1979, p. 3-6.) particular de cada indivíduo, sendo, 1) Estado Incorporado, 2) Estado objetivado e 3) Estado institucionalizado. Por fim, a conjunção de tais conceitos deu origem ao trabalho hoje apresentado. Firmando que o ensino de literatura ultrapassa as barreiras (ou, pelo menos, assim deveria) das experiências vivenciadas em sala de aula, isto é, a literatura deveria ocupar seu lugar na sociedade como direito elegível às pessoas, que Candido propõe em “Direito à literatura” na linha tênue entre esta e direitos humanos.

“Nesse ponto as pessoas são frequentemente vítimas de uma curiosa obnubilação. Elas afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde, coisas que ninguém bem formado admite hoje em dia que sejam privilégios de minorias, como são no Brasil. Mas será que pensam que seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven?” (CANDIDO, 1995, p. 174).

O que o pensador dos estudos literários propõe em sua tese sobre os direitos de acesso à literatura vai além das discussões levantadas na sala de aula e dos direitos humanos básicos; que, claro, assim devem ser entendidas no contexto social, especialmente, nacional. No entanto, o direito ao entendimento de teorias complexas também deveria ser um objeto acessível.

Refletimos, neste trabalho, duas teorias; uma já citada, de Antonio Candido, a segunda dos três estados do capital cultural (BOURDIEU, 1979, p. 3-6), que deságuam na perspectiva do multiletramentos literários (COSSON, 2011; ROJO, 2009) e também a fluidificam a partir do direito negado do papel social da literatura, gerando desinteresse e, no contexto atual, participação inativa até em turmas completas de alunos.

3 Luto como processo pessoal

Partimos da esfera pessoal entendendo que cada processo legitimado pela hegemonia sistêmica atravessa corpos, vidas, subjetividades e que acolher, aquilombar (OLIVEIRA, 2008) significa deixar o corpo falar. A retórica colonial da dominação desapercebe o corpo, acreditando que quando ele é tomado pelas emoções, o desempenho acadêmico foi prejudicado (hooks, p. 207, 2017). Rejeitar esse universalismo, fruto do pensamento europeu (STREVA, p. 26, 2015), é viabilizar a destruição possível desse mundo (MOMBAÇA, 2021).

Alinha-se à proposta da BNCC, como colocado na publicação no Blog KUAU (2020), pois se propõe a pensar o encontro de jovens consigo, “trabalhando positivamente sua identidade, autoestima, autocuidado e autodeterminação, a partir de seus interesses e potencialidades”.

Foi acordado, com o grupo de RP e com a turma de nossa preceptora, a utilização do *WhatsApp* como meio de interação. Existia grande dificuldade com o *Google Meet* e outras plataformas síncronas, pois nem todas as pessoas tinham possibilidade de acessar/installar, o que nos levou a produzir conteúdos mais leves, pensados para provocar conversas dinâmicas, condizentes com a plataforma discursiva e os multiletramentos da classe.

A intencionalidade era a de provocar, além de discutir, a importância do ensino de literatura com a incisão do conceito de multiletramentos literários (COSSON, 2011; ROJO, 2009) no contexto do programa de RP e as ações interativas no projeto, ressaltando as discussões e problemáticas sobre educação e literatura no contexto nacional.

Promover uma discussão tão dinâmica exigia materiais igualmente dinâmicos e férteis. Foi acordo unânime da dupla iniciar com a música do Raul Seixas, “Canto para minha morte”, justamente pelo tom cotidiano de pensar algo que acontecerá com todos os seres, mas sobre o qual muito se evita falar. Para essa aula, além de pedirmos para, caso fosse possível, relacionar com o que outras/os residentes trouxeram e no período vivido, pensamos na pergunta norteadora: “*Por que não falamos sobre a morte?*”

Para a interação seguinte, pela apresentação temática de slides, os quais estarão no Apêndice 1, o poema de Ángel González, “Morte no esquecimento”, trata, além da morte, da existência humana em face da paixão, da dialética relação do lembrar e da vida, do esquecer e da morte. Levaria à pergunta: “*Qual a relação entre vida e morte para você?*”

Fechando o primeiro momento da SD, então, a definição de “Efêmero” do Dicionário Online de Português guiaria a discussão e a primeira atividade: uma produção textual livre de cunho poético sobre as impressões que ficaram depois das interações e do choque com as obras.

4 Luto e as políticas de produção de vida e de morte

Lê-se no site oficial da BNCC:

Projetar a vida perpassa por questionamentos sobre **as diferentes violências físicas e simbólicas que se configuram diante das desigualdades sociais, étnicas e de gênero**. Idealizar a própria vida é ter consciência da responsabilidade de cada um em sua atuação social, descobrindo-se a si mesmo, aos outros e o meio em que vive. É o momento em que são percebidas as tantas formas e jeitos de ser. É também quando alguns dos preconceitos **construídos socialmente** atingem e afetam as crianças, o que pode ser revertido a partir do compromisso da escola em se importar com o outro (grifos nossos).

Apesar de raso, o trecho oferece grande abertura, por exemplo, para interpretar a produção dessas violências físicas e simbólicas construídas socialmente a partir dos conceitos de biopolítica (FOUCAULT, 1998) e necropolítica (MBEMBE; 2020) — o segundo sobre o qual nos debruçamos para embasar esse segundo momento da SD.

Para ser possível atribuir um significado a esse significante, o poema de Anderson Herzer, “Mataram João Ninguém”, foi escolhido. A intenção era discuti-lo, pensando o autor (um homem trans) e seu contexto (ditadura militar; Febem).

“Um instante ocupado, para dizer morto João Ninguém/

Mas a aflição ataca, a cotação subiu ou caiu?/
e João morreu... e ninguém ouviu.” (HERZER, 1982)

Seguinte seria a canção do grupo Não-Recomendados, um vídeo no YouTube de uma performance *mash-up* de “Não recomendado” (originalmente escrita e interpretada por Caio Prado) e o “O tempo não para” (originalmente escrita por Howard Ashman e Cazuzza, mais famoso intérprete). A questão “O que a música te desperta a pensar na relação de alguns corpos com o limiar vida—morte?” levaria a refletir os fazeres políticos e como (re)agem em corpos e em seus lutos, em sua relação com a morte. Os “lugar[es] de exclusão e marginalidade, de não posicionalidade” sendo relegados aos corpos que pesam para a sociedade (CHAVES, p. 62, 2017; BUTLER, 2000 *in* CHAVES, 2017).

O último encontro de nossa responsabilidade seria, pois, dirigido pelo poema “Quando vier a primavera”, de Fernando Pessoa em seu heterônimo, Alberto Caeiro. Pediríamos que buscassem no *You Tube* uma interpretação para ouvi-lo recitado, de modo a enriquecer a experiência. Essa provocação visa uma inspiração para, fazendo uma recolha de sentimentos das conversas anteriores, convidar estudantes a revisitarem o que escreveram no primeiro momento — facultativo. A segunda atividade avaliativa proposta era, de fato, a construção de uma poesia orgânica, necessariamente coletiva, ou seja, cada pessoa deveria escrever uma frase e enviar no privado de uma das pessoas da dupla; as organizaríamos por ordem de envio em um documento, finalizando assim, um poema — que, se supôs, sintetizaria as reflexões dessas três semanas.

Considerações finais

Nas primeiras discussões do projeto já era nítida a evasão escolar sofrida em decorrência dos aumentos de desempregos na família de adolescentes. A Professora Tahisa relatou dificuldades sociais recorrentes da turma e da escola, localizada na periferia da cidade. O cenário onde estávamos inseridas era esse e precisávamos nos preparar para lidar com ele. Era de se esperar, infelizmente, que algumas atividades possivelmente não teriam continuidade — dada a baixa frequência de respostas da sala até mesmo com a Tahisa.

O primeiro dia de interações aconteceu rapidamente e as devolutivas foram muitas, diversas respostas surgiram. Acreditamos que isso tenha acontecido por conta da abordagem linguística que utilizamos, recorrendo a signos comuns dos discursos dessas/es estudantes. Cabe narrar essa experiência porque, apesar do desfoque da turma, insistindo na conversa de outros assuntos, foi o dia de interação mais agitado, todo mundo respondia.

As interações seguintes, todavia, se deram, praticamente, em monólogos. Enviávamos o conteúdo e, no entanto, falhava porque as perguntas não eram respondidas, o que atrapalhou na realização do projeto. O entendimento da turma com relação aos corpos, à literatura e ao conceito de necropolítica — ao tema, num geral —, foi opaco para nós, não permitindo que o processo de avaliação acontecesse propriamente. Podemos, em vão, supor que outras condições, talvez, gerassem outros resultados — o que de nada adianta nesse momento da pesquisa.

Entende-se que as já citadas condições de desigualdade às quais a educação no Estado de São Paulo tem sido exposta nos últimos 28 anos afetaram a interação também, indiretamente, ao não haver resposta depois da primeira interação, experiência que foi unânime no grupo da preceptora Tahisa e recorrente no grupo geral; com exceções notáveis de atuantes de escolas centrais — contrastando à nossa escola periférica, revelando as diferentes realidades sociais. Consideramos, sim, que o silêncio, “além de ser matéria significativa por excelência, é um *continuum* em que se engendra ao real da significação” (ORLANDI, 1997, p. 31 *in* CAÑIZAL, 2005, p. 19) e, por isso, é responsivo. O que não significa, no entanto, ser menos frustrante.

O mal-estar docente descreve “os efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência” (ESTEVE, 1994, p. 24-25 *in* ZACHARIAS, 2011, p. 18) e expressa o sentimento do grupo nessa etapa. A maneira como se trata a pessoa-professora é reflexo de como a sociedade enxerga a escola — visão moldada pela elite dominante (ARROYO, 2003).

Destarte, o que é possível interpretar da leitura da postura da sala para com estagiárias/es/os e do aumento, segundo reportagem do G1 Educação de

2021, em 171% da evasão escolar na pandemia? Qual desejo tem a elite dominante para a educação, considerando esses dados? O que significa, para uma sociedade, quando a escola ou os ambientes de aprendizagem escolar são evitados? Arroyo pontua que, na história da educação básica obrigatória, há uma domesticação do ensino para ser tutelar, para consertar sujeitos em vagabundagem (p. 18, 2003). Mas, nesse período, parece-nos que o desejo é afastar essas pessoas, reforçar o caráter seletivo e excludente (*idem*, p. 23).

Mesmo assim, seria injusto culpabilizar os produtos sociais mais atingidos no sistema enrijecido do estado: estudantes, mães, pais, pães, nães, trabalhadoras/as/es, LGBTQIAP+, pessoas com deficiência (PCD's), que, assim como a universidade, vêm sofrendo com desgovernos desde que a escola se construiu enquanto veiculação de ideologias, políticas e discursos, ou seja, como aparelho ideológico do estado dominante (ao lado da família) (ALTHUSSER, 1985). Muitas vezes se afetam pelas realidades sociais que não podem ser ignoradas, visto que são levadas para, e afetadas pelo, universo sociocultural da escola.

Os resultados obtidos, apesar de não satisfatórios e nem tão sólidos, são relevantes para questionarmos e refletirmos sobre as metodologias preteridas no nosso trabalho. As reflexões finais do projeto vão de encontro às perspectivas político-educacionais previstas no momento, ou seja, não concordam, visto que nosso contexto era de estudantes que não se acostumaram com o sistema de ensino à distância (mesmo tendo persistido por quase 2 anos exclusivamente e ainda exista em resquícios, considerando o CMSP ativo).

Pode-se dizer que pouco se discutiu antes da pandemia sobre como (tentar) levar a discussão sobre o EAD para as pedagogias de resistência (COIMBRA, 2020). É fato que mal houve preparação sobre como se trabalhar no ensino à distância, mesmo por não se imaginar a proporção que a pandemia do coronavírus tomaria, responsabilidade essa do grande sistema liberal, das grandes empresas e dos Estados que deixaram de lado os diversos avisos — como é possível ver no episódio “The next pandemic” da série *Explained* da *Netflix* — e que seguem escolhendo deixar de lado avisos importantes, como se nota no silêncio da grande mídia sobre o *Scientist Rebellion*.

Defendemos também, a importância e consolidação dos programas RP e PIBID no combate ao necroprojeto (PRECIADO, 2020) para a educação, salientando que o programa sofreu, durante a nossa atuação, um corte nacional da verba repassada à pesquisa acadêmica. Em reportagem na Agência Senado, publicada em 2020, lê-se:

Pela proposta orçamentária de 2021, elaborada pelo governo federal e em análise no Congresso Nacional, o Ministério da Ciência e Tecnologia, por exemplo, terá para investimento R\$ 2,7 bilhões, sem contar os já esperados bloqueios que serão impostos no correr do ano. Se os parlamentares confirmarem a cifra, os cofres do ministério continuarão indo ladeira abaixo. Para o ano atual, como comparação, o valor reservado no Orçamento federal é de R\$ 3,7 bilhões. No ano passado, foi de R\$ 5,7 bilhões.

Em outras palavras, como diz a manchete publicada pela SEDUFSM em 2021, “Recurso para a ciência cai de R\$ 690 mi para R\$ 89 mi”. Portanto, o presente artigo se conduz para não se perder a memória na história da luta pelas políticas públicas de profissionalização e iniciação docentes — que se faz com a presença da UNE (União Nacional de Estudantes) e de tantos outros coletivos — pela defesa e consolidação dos programas Pibid e RP e de políticas de permanência estudantil.

Igualmente necessário é citar que tal fato tornou-se um agravante não apenas na experiência pessoal como também nos relatos de pesquisa de demais bolsistas. As consequências foram diversas, desde a não-permanência até a desanimadora sensação de incapacidade de dar continuidade às atividades, e a angústia trazida por grande quantidade de estudantes no evento remoto final de avaliação dos programas PIBID e RP. Reitera-se que a democratização da escola pública não se faz sem permanência estudantil universitária, e as próprias universidades precisam se colocar ao lado nessa luta pela consolidação dos programas. Em muitos momentos parece que

“A universidade não tem prestado atenção a esses delicados conflitos que estão postos em nossa tradição pedagógica e que colidem com o movimento social. Continuam presas a essa tradição acadêmica preparatória para estudos

superiores, quando formam o professor de 5ª a 8ª série.” (ARROYO, p. 24, 2003).

Discutir a formação de professores é imprescindível para tentarmos alcançar os objetivos pedagógicos que a escola movimenta. Um questionamento retórico, no entanto: como discutir a formação inicial se a atuação é falha? Se não há prática? Não há como deixar de dizer que a experiência pessoal vivida nos prepara para muitas realidades em que o ensino presencial precise ser suspenso, apesar da insatisfação para com o resultado das interações.

Talvez a movimentação de capital social-cultural, segundo Bourdieu, ou então o direito à literatura, comparada aos direitos humanos (direito de todas as pessoas), fossem, de fato, incentivadas nesse contexto de produção, mas com outros suportes e outra orientação de contexto remoto de ensino.

Apesar disso, foi possível crescer em diversos sentidos enquanto profissionais. Com relação ao apoio do programa, das professoras, não houve falhas em nenhum momento. Quando era necessário suprir defasagens gerais, tidas com relação às interações, tivemos um arcabouço teórico completo, o diálogo direto com a professora coordenadora Dra. Karin e a presença sempre disposta de Tahisa.

Do ponto de vista teórico, havia embasamento necessário para aplicar as metodologias, contudo, com mais propriedade se presencialmente. Entender que podemos organizar o conhecimento de forma dialógica, conforme os pressupostos de Bakhtin, é entender que a literatura tem espaço para dialogar, estética e poeticamente, com diversas áreas e formas de conhecimento, além de transformar a leitura em um “quê” e um “porquê” — que não há volta no conhecimento.

“Um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, com ética” (ROJO, p. 11, 2009) e isso leva à pergunta: o que pretende uma sociedade que não faz da escola um ambiente convidativo? Que desmonta e destrói a escola? A quem serve o EAD e o fracasso do ensino remoto?

Como citar este artigo?

BUENO-NASCIMENTO, A. J.; TOLEDO-BARBOSA, I. R. P. S. Enlutamento e os reflexos nas corporalidades. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 10-32, 2022.

Referências

Agência Brasil. Capes oferece mais de 61 mil bolsas para formação de professores | Agência Brasil (ebc.com.br). Acessado em 21/05/2022.

ALTHUSSER, L. Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

ARROYO, Miguel G. Reinventar e formar o profissional da educação básica. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 37, p. 07-32, jul. 2003. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982003000100002&lng=es&nrm=iso Acessado em 20/05/2022.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. *Oliva, Anderson Ribeiro; Chaves, Marjorie Nogueira; Filice, Renísia Cristina Garcia*, p. 23-35. 2019.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993;
Bourdieu, Pierre, "Les trois états du capital culturel", publicado originalmente in *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 30, novembro de 1979, p. 3-6.

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. O silêncio nos entremeios da cultura e da linguagem. *Os meios da incomunicação. São Paulo: Annablume*, 2005, p. 13-24.

CHAVES, Leocádia Aparecida. A queda para o alto: a experiência de Anderson Herzer na construção de seu corpo, de seu gênero, de sua sexualidade. *Letras Escreve*, 2018, vol. 7, no 4, p. 59-77.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COIMBRA, C. L. Os Modelos de Formação de Professores/as da Educação Básica: quem formamos? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e91731, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623691731> Acessado em 20/05/2022.

Decreto nº 64.864, de 16/3/2020 – Suspensão das aulas. Disponível em: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (educacao.sp.gov.br) Acessado em 22/05/2022.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M. e SCHNEUWLY B. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. (Tradução e Organização: Roxane Rojo e Glaís S. Cordeiro). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004, p. 149-185.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*, vol. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Evasão escolar de crianças e adolescente aumenta 171% na pandemia, diz estudo | Educação | G1 (globo.com) Publicado em 02/12/2021. Acessado em 22/05/2022.

GONZÁLEZ, Ángel, In "Para Que Eu Me Chame Ángel González" (6/9/1925 - 2/1/2008) Seleção, Tradução, Prólogo e Notas de Miguel Filipe Mochila.

Grupo "Não Recomendados" - O tempo não para/Não recomendado. Disponível em: Não Recomendados - O Tempo Não Para / Não Recomendado | Sofar Rio de Janeiro - YouTube Acessado em 12/05/2022.

HERZER, Anderson. *A queda para o alto*. São Paulo: Editora Vozes, 1982;
HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*; tradução de Marcelo Brandão Cipolla – 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017.

JAUSS, Hans Robert. *A estética da recepção: colocações gerais*. In: LIMA, Luiz Costa. *A Literatura e o leitor: textos de estéticas da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 43 – 61.

LEOPOLDO, Rafael. *Cartografia da vulnerabilidade: somos todos trans*?* Disponível em: *Cartografia_da_Vulnerabilidade_trans-with-cover-page-v2.pdf* (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net) Acessado em 21/05/2022.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública*. Edições Loyola, 2001.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Melusina, 2020.

MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Editora Cobogó, 2021.

SEDUFISM. *SEDUFISM - Recurso para a ciência cai de R\$ 690 mi para R\$ 89 mi e UFSM vê "calamidade" na pesquisa* Publicado em 13/10/2021. Acessado em 22/05/2022.

SOUZA, Bárbara Oliveira. *Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro*. 2008.

ENLUTAMENTO E OS REFLEXOS NA CORPORALIDADES — PERSPECTIVAS DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. " Escrivência" em Becos da memória, de Conceição 20 Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, 2009, vol. 17, no 2, p. 621-623.

PELIZZARI, Adriana, et al. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. *Revista PEC*, 2002, vol. 2, n.º1, p. 37-42.

Portaria unesp nº 128, de 23 de abril de 2020. Disponível em:

PORTARIA_UNESP_Nº_128_e_alteracoes_(Portaria_171_2020).pdf Acessado em 22/05/2022.

PRECIADO, Paul B. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

Projeto de Vida na escola: TUDO que você precisa. - Blog da Kuau Publicado no Blog KUAU em 2020. Acessado em 22/05/2022.

Projeto de vida: Ser ou existir? (mec.gov.br) Publicado no site oficial da Base Nacional Curricular Comum. Acessado em 22/05/2022.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. Ed. Parábola. São Paulo, 2009.

SEIXAS, Raul - Canto Para Minha Morte - YouTube Acesso em 12/05/2022.

SEMINÁRIO DE AVALIAÇÃO DO PIBID E DO RP NA UNESP, 2020, São Paulo.

STREVA, Juliana Moreira. Teoria descolonial de Frantz Fanon: anti-racismo, novo humanismo e luta. *Conversações Política, Teoria e Direito Cadernos do Seminário da Pós-graduação-Revista Discente da Pós Graduação-PUC-Rio*, 2015.

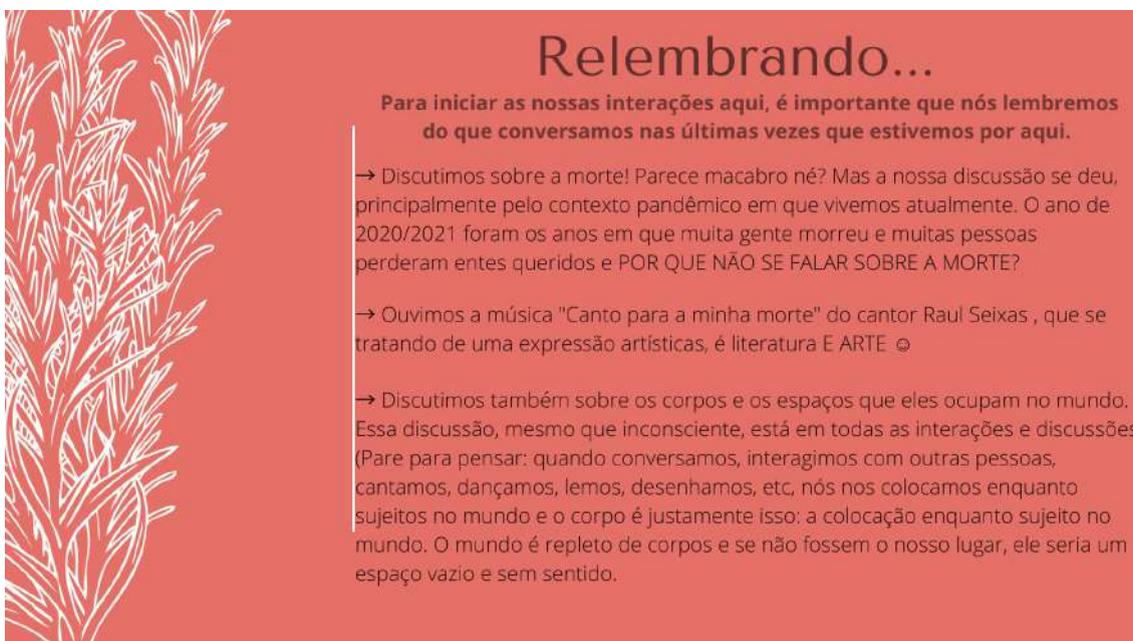
WESTIN, Ricardo. Corte de verbas da ciência prejudica reação à pandemia e desenvolvimento do país — Senado Notícias publicado em 25/9/2020. Acesso em 22/05/2022.

ZACHARIAS, Jamile, et al. Saúde e Educação: do mal-estar ao bem-estar docente. *Educação Por Escrito*, 2011, vol. 2, n.º 1.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. *Educar em Revista*, 2017, n.º 65, p. 149-166.

Apêndices

APÊNDICE 1 — Apresentação com conteúdo das interações



Relembrando...

Para iniciar as nossas interações aqui, é importante que nós lembremos do que conversamos nas últimas vezes que estivemos por aqui.

- Discutimos sobre a morte! Parece macabro né? Mas a nossa discussão se deu, principalmente pelo contexto pandêmico em que vivemos atualmente. O ano de 2020/2021 foram os anos em que muita gente morreu e muitas pessoas perderam entes queridos e POR QUE NÃO SE FALAR SOBRE A MORTE?
- Ouvimos a música "Canto para a minha morte" do cantor Raul Seixas, que se tratando de uma expressão artísticas, é literatura E ARTE ☺
- Discutimos também sobre os corpos e os espaços que eles ocupam no mundo. Essa discussão, mesmo que inconsciente, está em todas as interações e discussões (Pare para pensar: quando conversamos, interagimos com outras pessoas, cantamos, dançamos, lemos, desenhamos, etc, nós nos colocamos enquanto sujeitos no mundo e o corpo é justamente isso: a colocação enquanto sujeito no mundo. O mundo é repleto de corpos e se não fossem o nosso lugar, ele seria um espaço vazio e sem sentido.



MORTE NO ESQUECIMENTO - ANGÉL GONZÁLEZ

SEI QUE EXISTO
PORQUE TU ME IMAGINAS.
SOU ALTO PORQUE TU ME VÊS
ALTO, E LIMPO PORQUE TU ME OLHAS
COM OLHOS BONS,
COM O OLHAR LIMPO.
O TEU PENSAMENTO FAZ-ME
INTELIGENTE, E NA TUA SIMPLES
TERNURA EU SOU TAMBÉM SIMPLES
E BONDOSO.
MAS SE TU ME ESQUECES
CAIREI MORTO SEM QUE NADA
O EVITE. VERÃO VIVA
A MINHA CARNE, MAS SERÁ OUTRO HOMEM
- OBSCURO, TORPE, MAU - AQUELE QUE A HABITA

EFEMERIDADE?
AMOR? VIDA?
MORTE?



O QUE VOCÊ ENTENDEU DO POEMA?

Use esse espaço para refletir o que você compreendeu do poema de Angél González. Para isso, vamos deixar aqui alguns questionamentos para a reflexão! Não precisa responder, mas se quiser, pode (E seria legal).

1- A linguagem do poema foi muito complicada?

2- Para você, qual a ideia central do poema?

3- Por que o sujeito do poema cairá morto? O que isso significa para você?

O que você entende por EFEMERIDADE? Você sabe o que é efemeridade OU efêmero?

EFÊMERO

adjetivo

1. que dura um dia.
2. que é passageiro, temporário, transitório.
3. BOTÂNICA - que desabrocha e fenece no período de um dia (diz-se de flor).
4. BOTÂNICA - que apresenta ciclo de vida muito curto, podendo germinar, florescer e dispersar as sementes várias vezes em um só ano (diz-se de planta).
5. substantivo masculino
o que dura pouco, o que é transitório.

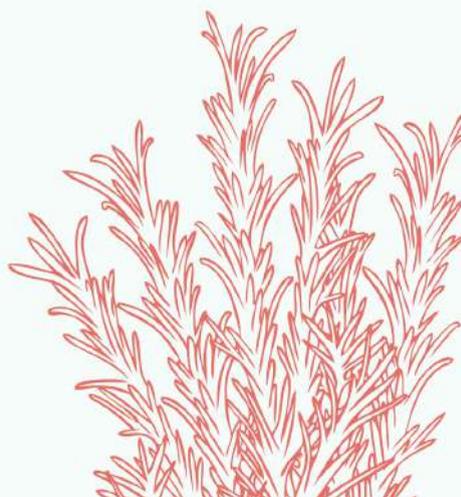
QUAIS COISAS SÃO EFÊMERAS?

O QUE A EFEMERIDADE TEM A VER
COM A MÚSICA "CANTO PARA A
MINHA MORTE" E O POEMA "MORTE
NO ESQUECIMENTO"?



TAREFA DE CASA: REFLETIR SOBRE A SEGUINTE PERGUNTA

QUAL A CONEXÃO ENTRE A VIDA
E A MORTE PARA VOCÊ?



MATARAM JOÃO NINGUÉM DO LIVRO "HERZER- A QUEDA PARA O ALTO"-
ANDERSON HERZER

Quando o próximo sangue jorrar
daquele por quem ninguém irá chorar,
daquele que não deixará nada para se
lembrar
daquele em quem ninguém quis acreditar.
Quando seus olhos só puderem fitar o
escuro
quando seu corpo já estiver inerte, frio e
duro,
quando todos perceberem morto João
Ninguém
e quando longe de todos ele será seu
próprio alguém.
Tantas mãos, tantas linhas incertas,
tantas vidas cobertas, sem ninguém pra
sentir,
Tantas dores, tantas noites desertas
tantas mãos entreabertas, sem ninguém
pra acudir.

Qualquer dia vou despír-me da luta
pisar em coisas brutas, sem me
arrepender.
Tão difícil ver a vida assassinada
quando estamos já tontos pra tentar
sobreviver.
As perguntas sem respostas, sem nada,
as vidas curtas e desamparadas
o último grito que não foi ouvido
calaram mais um homem iludido.
E no mundo não dão mais argumentos
pra fugir aos lamentos
De quem sozinho falece.
de quem sozinho falece.
Para esses, não há mais compreensão,
não há mais permissão, para que se
tropece.
Para esses, não há mais compreensão,

não há mais permissão, para que se
tropece.
Na televisão, o aguardo da cotação
um instante ocupado, para dizer morto
João Ninguém
mas a aflição ataca, a cotação subiu ou
caiu?
e João morreu... ninguém ouviu.
Eu vou distribuir panfletos,
dizendo que João morreu
talvez alguém se recorde
do João que falo eu.
Falo daquele mendigo que somos
peço menos em matéria de amor,
daquele amor que esquecemos de
cultivar
o qual com tanto dinheiro, ninguém
jamaís corooou.



NECROPOLÍTICA

Classe gramatical:
s.f.

Palavras relacionadas:
necropolítico adj. s.m.

Definição:

Uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões (gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condições de vida precárias, por exemplo), quem pode permanecer vivo ou deve morrer. [Termo cunhado pelo filósofo, teórico político e historiador camaronês Achille Mbembe, em 2003, em ensaio homônimo e, posteriormente, livro.

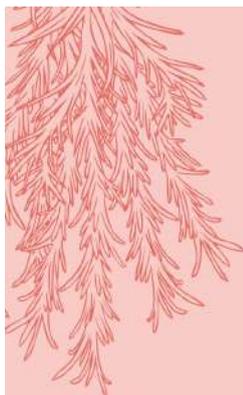
NÃO RECOMENDADO - O TEMPO NÃO PARA



O QUE A MÚSICA TE DESPERTA A PENSAR NA RELAÇÃO DE ALGUNS CORPOS COM O LIMIAR VIDA—MORTE?



Quando vier a primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na primavera passada.
A realidade não precisa de mim.
Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.
Se soubesse que amanhã morria
E a primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.
Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.
Alberto Caeiro in Poemas inconjuntos



Na aula de hoje, iremos relacionar os dois temas que discutimos lá no início, sobre os corpos e os temas da efemeridade e necropolítica.



ATIVIDADE ORGÂNICA

A IDEIA CONSISTE EM QUE
VOCÊS ENVIEM UMA FRASE
(QUALQUER UMA) NO NOSSO
PRIVADO, COM ISSO, IREMOS
REPASSAR PARA A PRÓXIMA
PESSOA E CONSTRUIR UM TEXTO
JUNTES

Referências

- MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 p.
- ¹ DINIZ, Debora; CARINO, Giselle. A necropolítica como regime de governo. El País, Brasil, 16 jul. 2019. Opinião. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/09/opinion/1562688743_395031.html. Acesso em: 7 mar. 2021.
- ² Idem, ibidem.
- ³ CIDADE ESCOLA APRENDIZ, Necropolítica, Educação e Território, Conceito Glossário, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://educacaoeterritorio.org.br/glossario/necropolitica/?gclid=FA1a1O...>. Acesso em: 7 mar. 2021.
- ⁴ BERCITO, Diogo. Pandemia democratizou poder de matar, diz autor da teoria da 'necropolítica'. Folha de S.Paulo, 30 mar. 2020. Mundo. Coronavirus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-...>. Acesso em: 7 mar. 2021.
- ⁵ Idem, ibidem.
- ⁶ IGNACIO, Julia. Necropolítica: o que esse termo significa? Politize!, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/necropolitica-o-que-e/>. Acesso em: 7 mar. 2021.
- ^{vii} CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. #MarchaPelaVida: entidades em todo o Brasil defendem a Ciência frente à negligência do governo diante da pandemia. Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde, Governo Federal, 12 jun. 2020. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/1221-marchapela vida-en-...>. Acesso em: 7 mar. 2021.

FONTE: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/necropolitica>